

**PRÁTICAS DE DISCURSOS ANTI-HOMOFÓBICOS:  
UMA ANÁLISE  
DAS FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS E DISCURSIVAS  
PRESENTES NA CAMPANHA CONTRA A HOMOFOBIA**

*Liliane Silva de Aquino (UNEB)*

[lilyaneaquino@hotmail.com](mailto:lilyaneaquino@hotmail.com)

*Gilberto Nazareno Telles Sobral (UNEB)*

**RESUMO**

As sociedades estão, a todo tempo, passando por constantes processos de transformações. A análise do discurso contribui, efetivamente, nesse processo reflexivo e articulatório entre a história, a sociedade e o homem. Nesse trabalho investigaremos um cartaz veiculado através do meio digital, como parte de uma campanha contra a violência de gênero, a fim de reconhecermos as formações discursivas oriundas das ideologias presentes na imagem. O reconhecimento desse discurso homofóbico requer o conhecimento das condições de produção e suas pluralidades, mobilizando assim a construção social da imagem do sujeito homossexual. O estudo da materialidade discursiva selecionada será analisado a partir dos fundamentos teórico-metodológicos da análise do discurso, cujos conceitos foram articulados pelo filósofo Michael Pêcheux, na França, na década de 60 do século XX, partindo do ponto do qual é possível analisar a linguagem no auge do seu funcionamento, atrelando-a ao contexto sócio-histórico e ideológico. Buscamos carear, questionar e duvidar, indo além da opacidade dos sentidos expostos nas materialidades discursivas analisadas, já que as mesmas reclamavam sentidos outros, a partir das ideologias que afirmavam a não existência da neutralidade do sujeito devido às escolhas dos lexemas usados em seus respectivos discursos.

**Palavras-chave:**

**Homossexual. Homofobia. Interdiscurso. Formação ideológica. Formação discursiva.**

**1. Considerações iniciais**

As sociedades estão, a todo tempo, passando por constantes processos de transformações, estes, por sua vez, são o reflexo da singularidade de cada momento histórico e social vivenciado pelo homem.

A análise do discurso contribui, efetivamente, nesse processo reflexivo e articulatório entre a história, a sociedade e o homem.

Cada questão, à sua época, trará consigo dimensões nunca antes vivenciadas, pois cada momento é único e, por mais que esse se repita, será sempre realizado em condições históricas distintas, com seus questionamentos e seus sentidos bastante singulares, nunca antes ocorridos.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O sujeito contemporâneo, de uma forma geral, precisa lidar com questões bem mais afloradas e debatidas quando em comparação a outros momentos históricos. Temas que em dadas circunstâncias eram encarados como tabus, imorais ou hediondos, como a homossexualidade, na contemporaneidade, vêm sendo muito mais debatidos. Nunca houve um fluxo de informações tão grande como no século XXI, uma gama de novos questionamentos surge juntamente com a avidez dos acontecimentos, entretanto nem sempre os diversos setores sociais conseguem acompanhar essas constantes modificações com a mesma rapidez e afinco, deixando, muitas vezes, a desejar em diferentes aspectos, como ocorre com as questões que versam sobre a sexualidade.

Entre os desafios da nossa atual sociedade, está a luta contra os preconceitos. Reconhecer que os mesmos estão não só presentes como também arraigados no seio da sociedade tem fomentado diversas reações em vários seguimentos sociais. As minorias que sofrem com essa demanda estão em zona de conflitos, desse modo cobram da sociedade civil um posicionamento acerca dos direitos à vida e do exercício da liberdade como também da cidadania plena.

Integrante do contexto das sociedades contemporâneas, a diversidade apresentada pelos grupos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis) diz respeito a uma das questões que, em essência, é de suma relevância para sociedade. Tal compreensão advém do fato de que diversas transformações no interior da estrutura social foram capazes de fazer com que estes movimentos pudessem ambicionar e alcançar maior aceitação e reconhecimento social, no entanto, ainda há muito a ser discutido e modificado.

A realidade dos grupos LGBT também retrata esse fato, para o qual combater a violência e os preconceitos sociais tornou-se uma luta diária. Entre os problemas mais relevantes enfrentados pela comunidade LGBT, destaca-se a homofobia, que, segundo Borillo (2009, p. 13), “é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irredutível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos homens”.

O fenômeno da homofobia está presente na sociedade, com suas múltiplas facetas. Muitas vezes nos parece tão pouco, que chegamos a duvidar se, de fato, há preconceito em determinadas ações. A atitude de hostilidade para com os homossexuais que perpassa a sociedade é inegável, tal comportamento encontra-se, muitas vezes, enraizado em causas

culturais e religiosas. Preconceitos formados em tempos antigos que não condizem com a realidade contemporânea.

Na nossa busca por compreender um pouco sobre as questões expostas acima, deu-se o estabelecimento do *corpus*, um cartaz, que se propõe a contribuir com o fim da homofobia a partir da conscientização social.

O estudo da materialidade discursiva selecionada fundamenta-se nos procedimentos metodológicos da análise do discurso, cujos conceitos foram articulados por Michael Pêcheux, na França, na década de 60 do século XX.

O reconhecimento desse discurso homofóbico requer o conhecimento das condições de produção, uma vez que são elas parte integrante da construção social da imagem do sujeito homossexual.

## **2. O homossexual e a homofobia**

Recuando um pouco a história, há que se perceber, em tempos antigos, que as práticas sexuais nem sempre sofriam sanções sociais, pelo contrário, as mesmas eram vistas como partes integrantes do convívio social sadio, sem a presença da hierarquização da sexualidade.

Na Grécia antiga, grandes personalidades como Ateneu, Platão e Heródoto exploraram a sexualidade de forma positiva. Para os filósofos, era de suma importância o envolvimento sexual, em especial entre o aprendiz e seu tutor, pois assim ambos passariam a construir afinamento/envolvimento intelectual. Não havia uma distinção social entre desejo e comportamento sexual.

Em Roma, a pederastia (relação sexual entre adulto e adolescente e pré-púberes) não era avaliada como algo ruim, sendo reprovada apenas quando o parceiro mais velho era passivo quanto à posição na relação sexual. Segundo Almeida (2013), “de fato, acreditava-se que os homens que possuem uma alma esforçada, além de valor e caráter *viris*, buscam seus semelhantes, isto é, outros de valor e caráter *viris*”. Percebemos que, nem sempre, na história da humanidade, a sexualidade foi questionada ou apontada como “fora do padrão”. Entretanto, a partir da cultura judaica e a ascensão do cristianismo, com o auxílio da bíblia, o judaísmo transformou a ideia de sexo entre pessoas do mesmo gênero em pecado, relação

imoral não instituída por Deus. Logo no fim do império romano, alguns clérigos tentaram erradicar a homossexualidade.

No decorrer da idade média, mesmo a sociedade sendo regida por tal proibição, há relatos de relações sexuais entre representantes da nobreza do mesmo sexo. Com o cristianismo, as normas sociais, ao longo dos tempos como também na contemporaneidade, legitimaram o homossexual como alguém que está à margem da sociedade, semelhante ao papel delegado ao negro e ao judeu, figurando sempre o espaço cabível ao “outro”, aquele que, por algum motivo é “diferente” e com quem não é possível identificar-se. Segundo Almeida (2013):

O ser que hoje entendemos como homossexual possui uma história marcada por mudanças acentuadas, já que ora era visto como pecador, ora como enfermo, ora como delinquente, ora como transgressor, ora como promíscuo. Todo esse histórico levou a uma construção de uma imagem social turva do gay que pode se contradizer, ser incompleta, preconceituosa ou real. (ALMEIDA, 2013, p. 3).

No século XVIII, a partir das teorias biológicas e do poder da razão, como única verdade possível, muitos foram os esforços para que a homossexualidade fosse explicada cientificamente, chegando até mesmo a ser considerada como uma patologia humana. Com o século XIX, o homossexual passou a ser relacionado às perspectivas psíquicas a partir dos estudos de Sigmund Freud.

O sujeito homossexual, de fato, é, na maioria das situações, colocado à margem do padrão eleito como “modelo” por grande parte das culturas. Sempre visto como inferior pela sociedade contemporânea, o *gay* é julgado, muitas vezes, pela sua sexualidade e não pela capacidade que possui para desempenhar determinadas funções, ou então subjugado a desempenhar outras por “ser *gay*”.

Dentre as ideologias disseminadas, a respeito da dicotomia sexual, encontra-se o sexismo, esse se define mediante as relações de poder existente entre os sexos. Para os sexistas, a representação masculina caracteriza-se por sua vinculação à superioridade, ao universo exterior, e ao político, em contrapartida, o feminino é subjugado à intimidade e também a tudo que se refere à vida doméstica e a submissão.

As diferenças existentes entre indivíduos homossexuais e heterossexuais, além de serem visivelmente claras, são usadas como guias para eleger um comportamento social predominante forjado como “modelo social”, ou seja, a heterossexualidade é aclamada como única possibili-

dade “correta” de realização da sexualidade dentro dos padrões sociais normativos, sendo assim, os heterossexuais passaram a ser os únicos indivíduos a servirem como referência para as demais sexualidades. Para Borrillo (2010, p. 31),

A heterossexualidade aparece assim, como padrão para avaliar todas as outras sexualidades. Essa qualidade normativa - e o ideal que ela encara - é constitutiva de uma forma específica de dominação, chamada heterossexismo, que se define como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade ocupa a posição superior. Todas as outras sexualidades são perversas, e na pior, patológicas, imorais e destruidoras da civilização.

Há que se perceber que, do final do século XX e início do século XXI, ocorreu uma pequena mudança no comportamento da sociedade, ao que se refere aos homossexuais. Fomentada pelo crescimento de movimentos, grupos sociais que lutam pelos direitos dos homossexuais, é notável uma lenta e gradual, no entanto, significativa tolerância à homossexualidade. Apesar de essas mudanças representarem avanços, elas coexistem com a discriminação e o preconceito. Há ainda muito a galgar.

Naturalizando a diferença entre a heterossexualidade e a homossexualidade, origina-se o preconceito, a intolerância e a discriminação, a saber: a homofobia.

A homofobia é a atitude de preconceito e discriminação por orientação sexual a qualquer indivíduo. Na visão de Fleury e Torres (2010), o termo origina-se do grego *homos*, “o mesmo”, que, junto ao termo *phobikos* – “ter medo ou aversão”, constituirá a palavra homofobia”. Traduzindo o termo, encontramos o seguinte significado: ódio ou aversão aos homossexuais, como também discriminação a homossexualidade. Essa manifestação de cunho arbitrário insiste em designar o outro como contrário, inferiorizando-o e marginalizando-o.

Por se tratar de um fenômeno muito complexo, a homofobia constitui uma das temáticas que na atualidade se encontra em voga, de maneira ampla, nos mais variados setores sociais, já que a mesma vem constantemente figurando os altos índices de atentados aos *gays* e *lésbicas* como nunca antes constatados.

A homofobia vai além da violência contra *gays* e *lésbicas* e tem dimensões maiores que puramente o medo, repulsa e aversão aos homossexuais, sendo assim, pode-se concluir que a homofobia é uma atitude puramente irracional que está arraigada a conflitos/motivos interiores do indivíduo agressor. Ainda segundo Borrillo,

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

A homofobia é o medo de que a valorização dessa identidade seja reconhecida; ela se manifesta, entre outros aspectos, pela angústia de ver desaparecer a fronteira e a hierarquia, da ordem heterossexual. Ela se exprime, na vida cotidiana, por injúrias e por insultos (...) A homofobia é algo familiar e, ainda, consensual, sendo percebida como fenômeno banal (...) invisível, cotidiana, compartilhada, a homofobia participa do senso comum, embora venha a culminar, igualmente, em uma verdadeira alienação dos heterossexuais. (BORRILLO, 2010, p. 17)

É lógico que a homossexualidade é uma das muitas sexualidades possíveis presentes no leque da pluralidade sexual, possibilidade existente entre muitas outras, uma variação constante da realização da sexualidade humana, no entanto, essa não goza de plenos direitos como a sexualidade dominante.

A homofobia tornou-se um preconceito com um alto grau de complexibilidade, já que se proliferou tanto no âmbito social quanto do individual, desumanizando o homossexual.

Essa hierarquia sexual se articula em torno de emoções, condutas, normas e dispositivos ideológicos e institucionais, causando uma oposição declarada, canal que possibilita a existência de um sistema agressivo e provocador de diferenças para justificar a exclusão e a dominação de uns sobre os outros.

Os meios de comunicação estão cada vez mais engajados no que tange a veiculação dos fatos que circulam no dia a dia das pessoas e dos acontecimentos e, nessa busca, muito se tem feito não apenas para divulgar tais eventos, como também combatê-los.

Campanhas sociais que buscam esclarecer e conscientizar a sociedade da importância de determinadas temáticas tornou-se uma das formas de comunicação mais eficazes e utilizadas pela mídia, visto que a mesma desempenha papel singular no que se refere ao desenvolvimento dos setores sociais, já que é responsabilizada pelas informações que abastecem as redes.

### 3. *Pressupostos teóricos para a análise*

Muitas correntes e teorias se dispõem a estudar a linguagem e seus acontecimentos, focando-se em diferentes sistemas, conceitos e aspectos.

Nessa pesquisa, a análise do objeto discursivo foi realizada, tendo como base os postulados teóricos da escola francesa da análise do discurso, articulada pelo filósofo francês Michel Pêcheux (1938-1983), especificamente na década de 60 do século XX.

Até a década de 60 do século XX, a linguística estruturalista pregava uma concepção de linguagem puramente como instrumento de comunicação. A partir da crise epistemológica que lhe sobreveio, os estudos linguísticos sofreram uma considerável mudança no que tange às formas de se compreender a linguagem.

A análise do discurso irá então valer-se desses trabalhos, levando em consideração a linguagem em funcionamento, considerando a autonomia da língua relativa, diferentemente do estruturalismo. Sendo considerada uma disciplina fundada a partir de elementos de três regiões de conhecimento: o materialismo histórico, a linguística e psicanálise, passa também a ser conhecida como uma disciplina nascida no entremeio destas. O objeto de estudo da análise do discurso é o discurso, o qual, segundo Orlandi (2009, p. 15), “é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. No entanto o discurso não pode ser considerado como a fala, como também não pode ser a língua como sistema abstrato, como fora concebida por Ferdinand de Saussure e pela linguística estruturalista, deve-se tomá-lo como efeito de sentido entre seus interlocutores. Visto desse ponto, pode-se considerar o discurso como objeto que se constrói sócio-historicamente, sinalizando assim o sentido e o sujeito intencional, que é considerado a origem desse sentido.

Os discursos se constituem a partir do sentido construído pelo homem ao longo dos tempos e do espaço, no qual o sujeito é descentralizado, não onipotente e, ainda, não individualizado. Para a Orlandi (2009, p. 17),

Não há discurso sem sujeitos e não há sujeitos sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos.

A análise do discurso acredita ser relevante o estudo do homem inserido no contexto sócio-histórico que lhe é peculiar, sendo assim, busca estabelecer as condições de produção dos discursos para desta forma poder articular linguagem e exterioridade.

### 3.1. Conceitos básicos

#### 3.1.1. *Da formação discursiva*

O conceito de formação discursiva é essencial para a compreensão do arcabouço teórico da análise do discurso. A formação discursiva, segundo Orlandi (2009 p.43), se define como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica – determina o que pode e deve ser dito”.

O conceito de formação discursiva, ainda, faz referência ao assujeitamento/interpelação que o indivíduo sofre através do seu discurso, construções de sentidos já existentes anteriormente ao sujeito que serão usadas por ele, situando-o em uma determinada formação discursiva.

Assim, o pré-construído irá regular o indivíduo a partir de determinados sentidos já existentes, situando-o em um certo contexto e em uma ideologia.

As formações discursivas irão contribuir para uma maior compreensão do processo de produção dos sentidos, situando as escolhas de uma determinada palavra em detrimento de outra, nesse e não naquele contexto, proporcionando uma melhor compreensão dos sentidos, permitindo que se encontre uma regularidade no mecanismo de funcionamento do discurso.

Ainda segundo Orlandi:

O discurso se constitui em um sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. (ORLANDI, 2009, p. 43)

As formações discursivas serão diferenciadas a partir do interdiscurso, contudo as mesmas não podem ser pensadas como articulações automáticas, elas são contraditórias, se contrapõem e ao mesmo tempo são fluidas.

#### 3.1.2. *Da formação ideológica*

O discurso é considerado uma das instâncias pela qual as ideologias se manifestam em sua materialidade, é a partir dos estudos sobre a ideologia, empreendido pelo materialismo histórico, que Pêcheux formu-

la a noção de formação ideológica. As ideologias são as instâncias responsáveis pelo assujeitamento do sujeito no papel de sujeito ideológico, Assim, para Orlandi (2009, p.43),

Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca.

O assujeitamento do sujeito, a partir da ideologia, o traduz em um sujeito ideológico, entretanto o mesmo não tem consciência desse processo, para ele fica a impressão de que ele próprio é o senhor/autor do seu dizer, quando, ao contrário, tudo que é dito faz parte de um já-dito. Presume-se então que esse assujeitamento do sujeito discursivo leva-o a inscrever-se a uma determinada formação ideológica e não em outra, o que como consequência também o filiará a uma ou várias outras formações discursivas.

### *3.1.3. Do interdiscurso*

O interdiscurso é elemento singular na compreensão dos dizeres, ou seja, no modo que esses significam em determinada situação discursiva. Tudo que já se sabe sobre algo, todos os sentidos que já foram ditos em outro momento, em algum lugar, por alguém e que trará um efeito sobre o objeto proposto.

O interdiscurso trará ao momento discursivo a memória construída pelo sujeito sobre aquele determinado fato/acometimento. O conceito de interdiscurso apresentado por Orlandi (2009) compreende a seguinte definição:

Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é aquilo que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada das palavras. (ORLANDI, 2009, p. 31)

São filiações de sentidos, construídos ao longo da história por outros dizeres, em outros momentos, por outras vozes e que chegam os sujeitos, através dos seus significados e pela própria língua.

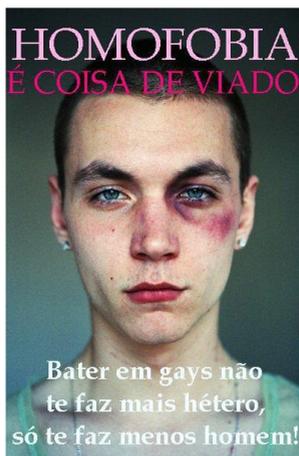
O interdiscurso representa os dizeres já ditos e que foram esquecidos, já o intradiscurso faz referência as condições na hora exata da produção do discurso.

#### 4. Análise do corpus

Uma das principais contribuições presentes na teoria da análise do discurso articulada por Michel Pêcheux é a possibilidade de analisar o linguístico atrelado aos fatores sócio-históricos, sendo assim, o texto é considerado como a materialização do discurso e, desse modo, uma unidade significativa portadora de sentidos e passível de análise.

Sabe-se que não se é possível apreender todos os sentidos que perpassam um discurso presente em uma determinada materialidade, pois, segundo a análise do discurso, um sentido está sempre atrelado a um já-dito anteriormente. Dito de outra forma, o sentido não se encontra no texto em si e, sim, na relação dele com o sujeito que o materializou, com outros discursos existentes e com o receptor, delineando assim o interdiscurso.

Selecionou-se, como materialização do discurso para análise, o seguinte cartaz:



A palavra “HOMOFOBIA” e a frase “É COISA DE VIADO” foram grafadas em caixa alta na cor rosa, respectivamente, tom mais escuro e mais claro.

Trazendo os sentidos construídos a partir do interdiscurso ao uso da cor rosa, embora a cor azul seja associada aos meninos e a rosa as meninas, no imaginário social, os indivíduos *gay* são os que mais se utilizam da cor rosa, uma vez que passaram a ser vistos como afeminados, logo a cor está associada a “coisa de viado”.

Sabe-se que, até o século XIX, entre os 6 e 7 anos de idade, as crianças trajavam roupas, todas com a mesma cor – o branco. Após essa idade, começava-se a fazer a distinção entre as cores. Vestidos para facilitar a troca de fraudas e branco para facilitar a visualização dos dejetos, além de serem mais acessíveis. Não havia distinção entre os gêneros.

No início do século XX, as crianças passaram a usar tecidos coloridos, haja vista uma maior produção de tingimentos pelas indústrias. A partir desse acontecimento, a cor rosa passou a ser utilizada pelos meninos, visto que representaria a masculinidade por ser um tom mais fraco que o vermelho e ser “quente” e também sempre fora a cor presente nas roupas utilizadas por Jesus Cristo. Já as meninas passaram a trajar a cor azul, pois a mesma fazia parte do imaginário da Virgem Maria como também do paraíso celeste. Há que se perceber a religiosidade embutida em todos esses traços.

Nos anos 40 desse mesmo século, a partir da criação dos *baby boomer* (pessoas nascidas entre os anos de 1946 e 1964 na Europa, no período pós-guerra) ocorreu uma troca no uso das cores. Uma das principais razões especuladas para essa troca foi a posição dos nazistas. Sabe-se que os *gays*, quando eram isolados, recebiam uma roupa com o triângulo rosa costurado nas vestimentas. Os soldados americanos então associavam que a cor rosa não tinha mais tanta legitimidade para os meninos, isso posto, a tendência foi o mercado inverter as cores. Também pesa o fato de que, nas décadas de 60 e 70, retornam as roupas unissex, engajamento para a luta feminina por direitos iguais, e ainda, na década de 80, o exame pré-natal facilitou a antecipação a respeito do sexo do bebê, logo a indústria aproveitou-se dessa oportunidade e passou a produzir adereços em rosa para meninas e azul para meninos.

Vê-se, então, que o uso das cores rosas nos fragmentos destacados acima, atrelam o sentido de que o uso da cor rosa pelo indivíduo homem é associado a “coisa de viado”, buscando fazer com que o leitor recobre em sua memória discursiva essa informação, a fim de que essa ligação integre o processo de construção de sentidos.

O personagem do cartaz confunde o seu leitor em muitos sentidos. Em uma primeira e rápida análise, não se distingue com facilidade quem é esse indivíduo, pois seus traços mesclam os imaginários que perpassam as figuras masculinas e femininas, visto que, ao mesmo tempo em que a personagem possui cabelos curtos, sobrancelhas cheias e queixo mais grosso, características usualmente atribuídas aos homens, ela também

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

trás brinco, traços finos na pele, lábios rosados, elementos atribuídos às mulheres.

Essa construção ideológica que mescla elementos físicos masculinos e femininos é associada ao imaginário do homossexual no *corpus* analisado, instaurando um efeito de sentido no qual a personagem demonstra ter sido vítima da homofobia. Há a presença de um hematoma em um dos seus olhos, que pode ser atribuído a uma pancada forte, e é ele que contextualiza a inscrição homofobia na parte superior do cartaz.

As frases que seguem, localizadas na parte inferior do cartaz, trazem os seguintes dizeres: “Bater em *gays* não te faz mais hétero. Só te faz menos homem!”

Há uma distinção entre ser *gay* e ser hétero, o que, mais uma vez, terá uma ligação com a imagem da personagem, possível vítima da homofobia, visto que, em muitos casos, o homofóbico - nesse caso específico, um heterossexual -, por vezes, parte para a agressão física, a fim de demonstrar sua virilidade masculina como também sua defesa dos “bons costumes sexistas”. Como se o *gay* não fosse homem tal qual ao hétero, confunde-se aqui os conceitos de sexualidade e gênero.

Se ser hétero é sinônimo de virilidade, virtude, ápice das representações da mais pura masculinidade, a sequência discursiva, “Bater em *gay* não te faz mais hétero. Só te faz menos homem!”, tende a ferir a formação imaginária do heterossexual másculo, visto que, ao bater em um *gay*, o hétero se tornará menos homem. Pode-se destacar um chamado para o despertar da consciência do hétero, a partir dos elementos que ele mesmo conhece como vitais para a manutenção do seu imaginário masculino.

Esse sentido do heterossexual foi construído ao longo do tempo e do espaço, derivados de contextos sócio-histórico e ideológico que se fazem presentes nos discursos a partir do assujeitamento que o sujeito sofre, fazendo com que o mesmo retome então o já dito, não sendo ele mesmo a origem do seu dizer.

Os sentidos que advinham do discurso denunciavam relações implícitas que, muitas vezes, passam despercebidas já que estão quase naturalizadas. Logo, há que se destacar a assertiva pecheutiana de que os sentidos discursivos, de modo algum, podem ser considerados como neutros, eles articulam língua e ideologia.

## 5. Considerações finais

Podemos notar, ao longo da análise do *corpus*, a presença de duas formações discursivas, a formação discursiva 1, que se posiciona a favor dos diretos básicos dos homossexuais (não sofrerem agressão devido à sua orientação sexual), e, dessa forma, busca elementos presentes na concepção imaginária de sexualidade do próprio heterossexual. Há ainda a formação discursiva 2, que se faz presente a partir da construção também do imaginário do heterossexual (o ser másculo que defende os bons princípios e costumes tomados como naturais) e do sexismo, afirmando a necessidade de demonstrar a qualquer custo, a superioridade da heterossexualidade.

A análise do discurso, e seu processo de funcionamento, foram elementares para a análise dos sentidos da materialidade discursiva selecionada, visto que, para ela, é possível analisar a linguagem no auge do seu funcionamento, atrelando-a aos contextos sócio-históricos e ideológicos, considerando que todo sujeito é constituído por ideologias e que as mesmas o filiarão a determinadas formação discursiva e formação ideológica.

Os resultados oriundos da análise aqui realizada não pretendem ser definitivos e fechados, já que é possível que outros analistas do discurso, de porte da mesma materialidade discursiva possam pensar ainda outros elementos não acrescentados por nós.

A cerca da problemática social da homofobia, cabe-nos lembrar que tal questão encontra-se inserida no seio social e que, todos os dias os indivíduos homossexuais estão expostos a violência que a mesma gera. Acreditamos que o Estado deve considerar essa questão como pauta urgente, efetivando assim leis que garantam a igualdade de direito entre os cidadãos como rezam a constituição e a democracia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de. *Por que estudar o discurso homossexual e o homossexual no discurso?* Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos\\_Graduacao/Doutorado/Letras/Cader-nos/Volume\\_2\\_2013/10\\_Daniel\\_Mazzaro\\_Vilar\\_de\\_Almeida\\_UFMG.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Cader-nos/Volume_2_2013/10_Daniel_Mazzaro_Vilar_de_Almeida_UFMG.pdf)>. Acesso em: 09-07-2015.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história crítica de um preconceito*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FLEURY, Alessandra Ramos Demito; TORRES, Ana Raquel Rosas. *Homossexualidade e preconceito: o que pensam os futuros gestores de pessoas*. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2010.

*História da homossexualidade*. Disponível em:  
<<http://www.historiadomundo.com.br/idadecontemporanea/historiahomossexualidade.htm>>. Acesso em: 30-06-2014.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PASSOS, Bruno. *Por que você não usa roupa rosa?* Disponível em:  
<<http://www.papodehomem.com.br/por-que-voce-nao-usa-roupa-rosa>>. Acesso em: 08-06-2015.